

PADRE MANUEL ANTUNES

Professor Universitário

1918-1985



COMISSÃO MUNICIPAL DE TOPONÍMIA
Dezembro 2018



A atribuição de topónimo em homenagem ao Sacerdote Jesuíta Manuel Antunes é da maior justiça, pelo seu papel enquanto humanista, Professor universitário e incansável autor multidisciplinar nas áreas da cultura, educação, filosofia, teologia, literatura e relações internacionais. Destaque-se a mudança de rumo que incutiu na direção da Revista Brotéria, até aí com um carácter eminentemente religioso, tornando-a numa plataforma de abertura a todas as correntes de pensamento, estabelecendo pontes com diferentes perspetivas da sociedade e do mundo. Do mesmo modo, é de realçar o papel apaziguador, empenhado e pró-democrático no período posterior à Revolução de 25 de Abril de 1974. É por isso da maior justiça inscrever o seu nome na memória da cidade, atribuindo-o a um arruamento na freguesia do Lumiar.

Lisboa, dezembro de 2018

Catarina Vaz Pinto

Vereadora da Cultura e Relações Internacionais
da Câmara Municipal de Lisboa



Manuel Antunes (de pé) nos primeiros anos do Seminário



PADRE MANUEL ANTUNES

Manuel Antunes nasceu no seio de uma família modesta, a 3 de novembro de 1918, na Sertã, Beira Baixa, filho de José Agostinho Antunes e Maria de Jesus, ambos assalariados rurais.

Aluno brilhante desde os primeiros tempos de escola, em outubro de 1931 ingressou no Seminário Menor da Companhia de Jesus em Guimarães e, com 18 anos, em setembro de 1936, entrou no noviciado da Companhia de Jesus em Alpendurada, Marco de Canavezes, onde acabou por fazer, dois anos mais tarde, a sua primeira profissão religiosa.

Concluídos os estudos preparatórios de ingresso no ensino superior, Manuel Antunes matriculou-se no Instituto Beato Miguel de Carvalho, atual Faculdade de Filosofia de Braga, onde se licenciou em Filosofia, em 1943, vindo a apresentar a tese de dissertação sobre o *Panorama da filosofia existencial de Kierkegaard a Heidegger*.

Dada a sua dedicação e inclinação reveladas para os estudos clássicos, nos quais se haveria de notabilizar mais tarde, foi durante três anos ensinar *Retórica Latina e Língua Grega, Língua e Literatura Gregas, Retórica e Humanidades Latinas* aos estudantes da Companhia que frequentavam o chamado Curso Superior de Letras, após o Noviciado, no Seminário da Costa em Guimarães.

Após esta que foi a sua primeira experiência como docente, frequentou de 1946 a 1950 a Faculdade de Teologia de Granada (Espanha), dirigida pela Companhia de Jesus, onde se licenciou em Teologia, tendo concluído, em 1951, a sua formação religiosa em Namur (Bélgica).



O Padre Manuel Antunes com os seus confrades da comunidade de Jesuítas da Faculdade de Teologia de Granada

Ainda antes de se licenciar em Teologia, em 15 de julho de 1949, recebeu a ordenação sacerdotal, como era hábito na Companhia de Jesus, conferida pelo Bispo de Guadix, Granada, D. Rafael Alvarez de Lara, tendo celebrado a sua missa nova solene, no dia 31 do mesmo mês, na igreja de Nossa Senhora de Fátima, do Porto.

No ano letivo de 1951-52, começou a ensinar *Língua e Cultura Grega e Latina* no Curso Superior de Letras da Companhia de Jesus e, em setembro de 1955, foi destacado para a Casa de Escritores da Companhia de Jesus, com sede em Lisboa, para exercer funções de redator da Revista *Brotéria*¹, na qual já participava desde 1940 com

(1) Fundada nos princípios de 1902, como Revista de Ciências Naturais do Colégio de S. Fiel, pelos padres Joaquim da Silva Tavares, Carlos Zimmerman e Cândido Mendes. Tomou o nome de *Brotéria*, em homenagem ao célebre médico e botânico português Félix de Avelar Brotero (1744-1828) e está consagrado na toponímia de Lisboa através do Edital de 26/09/1916 na freguesia da Ajuda.

temas culturais, pedagógicos, filosóficos e crítica literária, tendo recorrido ao longo desta colaboração, para conseguir contornar a censura do Estado Novo, a cerca de 126 pseudónimos e dos quais se destacam: João Sobreira, Fernando Outeiro, Carlos Isna e Silva Nesperal, sendo estes apelidos sublinhados correspondentes a nomes de aldeias do concelho da Sertã, vila onde nasceu.

A partir de janeiro de 1965 o Padre Manuel Antunes assumiu a direção da *Brotéria*, precisamente no término do Concílio Vaticano II². Considerando que o Concílio era a grande oportunidade para a igreja se renovar e de se abrir ao mundo, este jesuíta, agora à frente desta revista, vai imprimir-lhe um dinamismo novo e dar-lhe uma abrangência e dimensão novas. Alarga a revista não só na sua dimensão e diversidade temáticas como em termos de participação de escritores, ensaístas e outros de diferentes áreas, estabelecendo através da *Brotéria* uma ponte de diálogo e de reflexão entre vários quadrantes da cultura portuguesa, tornando a revista, que era dos Jesuítas e da Igreja, numa plataforma de diálogo (não muito habitual até então), colocando a igreja em diálogo com o mundo contemporâneo.

O Padre Manuel Antunes manteve o cargo de diretor da *Brotéria* até 1982, com uma breve interrupção entre julho de 1972 a julho de 1975. Entretanto, no ano 1957, após convite do professor Vitorino Nemésio³, então diretor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, ingressou na carreira de docente universitário tendo lecionado várias cadeiras dos cursos de Letras. Nesta instituição começou por ensinar a cadeira de *História da Cultura Clássica* que era transversal a todos os cursos de Letras e mais tarde foi regente das cadeiras de *Filosofia*

(2) Foi o 21º Concílio ecuménico da história da Igreja. O Vaticano II (1962-1965) considerou três tarefas importantes da Igreja naqueles momentos: tomar consciência de si própria, renovar-se e entrar em diálogo com o mundo.

(3) Escritor (1901 – 1978) foi homenageado na toponímia de Lisboa através do edital de 20/11/1978.



O Padre Manuel Antunes na Praça de S. Pedro, em Roma, ladeado pelos seus confrades Lúcio Craveiro da Silva e António Leite

Antiga e História da Civilização Romana, bem como orientador de diversos cursos monográficos, alguns em regime de seminário, entre outros: *O pensamento político de Platão* (1974-75); *O pensamento político de Aristóteles* (1974-75); *Problemas e métodos da História da Cultura* (1974-75); *Platão e Platonismo* (1975-76); *O pensamento filosófico em Portugal no séc. XX* (1975-76) e *O pensamento filosófico em Portugal do séc. XV ao séc. XIX* (1977-78).

Através do seu magistério atento e exigente, aos seus notáveis dotes de pedagogo e às qualidades humanas pouco comuns, ao longo dos tempos, nesta escola granjeou a fama de humanista de raiz cristã, pouco habitual para a época nos professores universitários, como reconheceram personalidades tão diversas como Sophia de Mello Breyner ⁴, Luís Lima Barreto, Maria do Céu Guerra, José Barata-Moura, Matilde de Sousa Franco, António Ramalho Eanes, que com ele se cruzaram.

(4) Poeta (1919 – 2004) foi homenageada na toponímia de Lisboa através do Edital de 27/11/2008 na freguesia da Graça, atual freguesia de São Vicente.

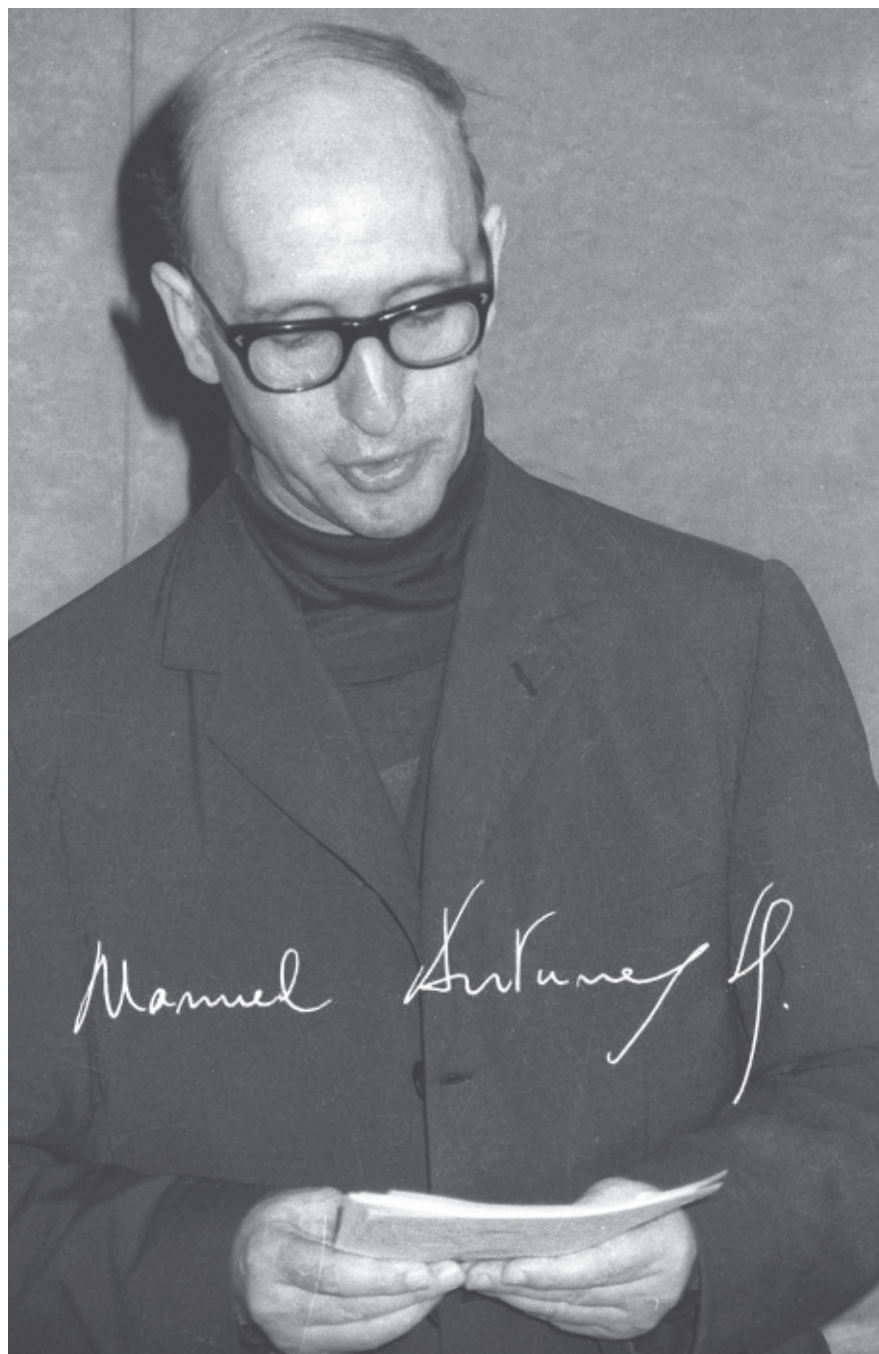
Em 1967 o Padre Manuel Antunes foi eleito sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e de 1972 a 1974 foi Conselheiro do Grupo de Planeamento Cultural do Ministério da Educação Nacional.

Foi como pedagogo que este jesuíta mais se notabilizou. A sua reflexão sobre literatura clássica deu-lhe bagagem e conteúdo para ler e compreender os problemas da cultura ocidental e do mundo contemporâneo. Como professor durante dezenas de anos (1957-1983), magistério que referiu: *Sou professor porque me pareceu ser serviço que poderia prestar à comunidade – e um serviço, enfim, que foi, nos últimos 25 anos, muito extenuante* ⁵, o Padre Manuel Antunes demonstrou uma competência e um saber verdadeiramente invulgares reconhecidos por alunos e condiscípulos. As várias gerações de alunos que formou – calcula-se que cerca de 15 mil tenham passado pelas suas aulas, entre os quais se contam grandes nomes da nossa sociedade, como Marcelo Rebelo de Sousa, Fernando Dacosta, Jaime Gama, entre muitos outros – muito apreciavam a vasta cultura do mestre, o seu poder de síntese, a sua clareza e atitude modesta, acolhedora e comunicativa.

O valor deste pensador jesuíta do século XX não deixou de ser reconhecido ainda no decurso do exercício do seu magistério intelectual e universitário, tendo alcançado o estatuto de bolseiro investigador pelo Instituto de Alta Cultura e pela Fundação Gulbenkian para além de ter também participado em cursos de Verão e congressos internacionais.

Para atualizar a sua cultura e manter-se a par do pensamento contemporâneo, graças às bolsas de estudo, aproveitou durante vários anos as férias para se dirigir aos mais afamados centros da cultura mundial e consultar bibliotecas. Trabalhou em Oxford (Biblioteca Bodleiana), Londres (Museu Britânico), Paris (Biblioteca Nacional),

(5) In *Semanário*, 26/01/1985



Munique (Biblioteca Nacional e Universitária) e percorreu a Grécia e a Itália, onde visitou museus e estações arqueológicas em que estas civilizações deixaram maiores vestígios para melhor se documentar sobre os principais aspetos destas culturas, em que se especializara, e também para ilustrar as suas aulas.

Na década de 70, com a Revolução de Abril, início da nossa democracia, o Padre Manuel Antunes foi também um orientador e moderador deste processo. Através das páginas da *Brotéria* foi refletindo todo esse seu entusiasmo pela era que se abriu e descreveu-a como uma nova “Primavera para Portugal”, embora fosse desde logo chamando a atenção para os perigos que daí poderiam advir, tais como o do burocratismo, o das ideologias e do partidarismo que colocariam em causa o projeto democrático, acrescentando que deveria ser completada com uma revolução moral “que estabeleça o





O Padre Manuel Antunes em leituras, na sede da Revista *Brotéria*, em Lisboa

primado da produtividade sobre a propriedade-estatal ou outra –, da cultura sobre a economia, do ser sobre o ter, da comunidade sobre a sociedade”⁶.

Repensar Portugal, vindo a público em 1979, reúne o melhor da sua reflexão sobre Abril de 1974 e é um dos seus textos políticos mais emblemáticos, escrito precisamente neste período da transição democrática marcado por incertezas e receios vários. O Padre Manuel Antunes, homem realista, sensato e ponderado através do seu magistério intelectual sugeriu orientações no momento destas mudanças políticas revelando-se uma figura de consensos e criadora de consensos. Prospetivamente antecipou uma utopia realista ao escrever que Portugal deveria dar as mãos à Europa e não esquecer os países onde estivera presente e que ajudara a formar: “Apontar para a integração na Europa tem, além de outras, essa vantagem. (...) A Europa é o único continente que, tendo tido tantas experiências de divisão conflitual, quase mortais, poderá, graças à sua unificação a todos ou quase todos os níveis, constituir para os outros continentes divididos experiência válida de como se pode chegar à unidade. (...) Dentro da vocação geral de todos os povos à universalidade, o Povo português constitui uma grande, uma clamorosa exceção. Basta ouvir homens de países por onde o Povo português escassamente passou: o Japão, a Indonésia, a Malásia para só falar dos mais longínquos. É neste sentido da universalidade que o Povo português necessita alargar e aprofundar, transportando-o parcialmente a outro registo, agora que «o império» acabou, agora que, territorialmente, ficamos muito mais reduzidos, agora que, culturalmente, podemos reflectir melhor naquilo que fomos e naquilo que somos. (...) Um país na verdade culto e com cerca de um milénio de história vivida



(6) Manuel Antunes, *Repensar Portugal*, Lisboa, MULTINOVA, 1979, p.56. Este livro resulta da reunião de um conjunto de reflexões publicadas, em forma de artigos na *Brotéria*, desde 1974.

atrás de si – e que história! -, só demitindo-se por completo e por completo desistindo de existir (...) é que deixará de contar no concerto dos povos. (...) Mais que uma reforma – mais uma -, mais do que uma revolução – mais uma -, aquilo que o País tem maior carência e maior necessidade é de uma renascença. (...) A existência de povos mediadores, pequenos ou grandes – de preferência, mais os pequenos que do que os grandes – é altamente benéfica para o crescimento harmónico da Humanidade, para o seu ritmo menos atordoado e conflitual e para a criação de relações internacionais que não sejam só, nem principalmente relações de poderio e de dominantes a dominados. (...) A renascença da Pátria portuguesa é condição importante, embora não necessária nem suficiente, para o surgimento de uma verdadeira comunidade lusíada no Atlântico, no Índico e na Diáspora”.⁷

A extensa obra deste jesuíta sertanense abrange um vasto leque de interesses, como a cultura, educação, política, religião, teologia, espiritualidade, estética e crítica literária. Grande parte dos seus estudos e ensaios encontram-se publicados na *Revista Brotéria* mas também colaborou, entre outras, na *Revista Portuguesa de Filosofia*, na *Revista Euphrosyne* e na *Revista da Faculdade de Letras* de Lisboa. É também notável a sua colaboração na enciclopédia *Verbo*, de que foi um dos diretores e onde constam mais de 250 artigos sobre temas de *Filosofia*, *História da Cultura* e *História das Civilizações Grega e Romana*. Colaborou ainda em várias obras coletivas. Publicou, entre outros volumes: *Ao encontro da Palavra*, *Ensaios de Crítica Literária* (1960), *Do Espírito e do Tempo* (1960), *História da Cultura Clássica*, texto policopiado (1960-1961), *Função da Teologia no mundo de Hoje* (1967), *Indicadores de Civilização*, *O Pensamento e o Reino* (1972), *Grandes Derivas da História Contemporânea «Logos et Praxis»* (1972), *Educação e Sociedade* (1973), *Grandes Contemporâneos* (1973),

(7) *Ibidem*, págs.40-44



Padre Manuel Antunes condecorado pelo então Presidente da República, General Ramalho Eanes em 10 de junho de 1983

Repensar Portugal (1979) e *Occasionalia: Homens e ideias de ontem e de hoje* (1980), e prefaciou *O Nó do Problema*, Graham Greene (1964); *Hespéria: Antologia de Cultura Greco-Latina*, Victor Buescu (1964) e *Os Jesuítas*, Alain Guilhermou (1977).

Em 1981, sob proposta dos professores da secção de Filosofia da Faculdade de Letras de Lisboa, o Conselho Científico desta Faculdade, por voto unânime, aprovou conceder-lhe o título de Doutor *Honoris Causa* que veio a ser conferido pelo Reitor da Universidade Clássica em sessão solene, realizada na Aula Magna da Reitoria a 15 de fevereiro, tendo o seu “padrinho”, o Professor Francisco da Gama Caeiro ⁸, traçado o perfil cultural e científico do Padre Manuel Antunes, com referência especial à sua longa docência na Faculdade de Letras.

Passados dois anos, a 10 de junho de 1983, foi agraciado pelo então Presidente da República, General Ramalho Eanes, com as insígnias de Grande Oficial da Ordem Militar de Santiago de Espada.

A partir deste ano, com o agravar do seu estado de saúde, o Padre Manuel Antunes viu-se forçado a deixar a docência na Faculdade de Letras e a direção da Revista *Brotéria*, vindo a falecer no início da tarde do dia 18 de janeiro de 1985, no Hospital de Santa Maria, em Lisboa.

O seu funeral constituiu uma grande manifestação de pesar e testemunhou o muito apreço em que, pelas qualidades sacerdotais, humanas e intelectuais, era tido o Padre Manuel Antunes. Na Assembleia da República foi aprovado, por unanimidade, um voto de pesar em sua homenagem e na imprensa diária foram largamente publicadas apreciações e testemunhos sobre a sua vida e obra.

O *Diário de Notícias* de 21 de janeiro ⁹ escreveu: “Com a morte do

(8) Filósofo (1928 – 1994) foi homenageado na toponímia de Lisboa através do Edital de 20/09/1999 na freguesia de Carnide

(9) *Um intelectual ecuménico* in DN 21/01/1985

padre Manuel Antunes, a cultura portuguesa perdeu um dos seus mais qualificados expoentes dos últimos decénios. (...) O padre Manuel Antunes — como toda a gente se referia a ele, sem que isso significasse menosprezo pelos elevados títulos universitários que possuía e que nele honravam a instituição académica— era uma daquelas figuras intelectuais cada vez mais raras, se não impossíveis, em virtude da multiplicidade dos saberes de hoje e da consequente especialização, que detêm o segredo de moldar a realidade em quadros conceptuais que estão acima da diversidade das circunstâncias e por isso constituem os marcos de referência de uma civilização, quando não todos os valores por que se define o humano. O humanismo era, de resto, o tópic fundamental da sua reflexão, tanto nas aulas como nos livros e artigos. (...) Jamais a sua condição assumida de jesuíta e testemunha exemplar da Igreja e da Ordem de Santo Inácio lhe impediu o diálogo com as mais diversas ideologias ou lhe inibiu a



A leitura da atualidade era uma preocupação constante do Padre Manuel Antunes

abordagem afoita dos livros e das correntes de pensamento modernas que conhecia como poucos. (...)”.

Em 24 janeiro o mesmo jornal dedicou-lhe uma página intitulada *Evocação do Padre Manuel Antunes*, na qual o antigo Ministro dos Negócios Estrangeiros, José Medeiros Ferreira (1942-2014), referiu: “Fui aluno do Padre Manuel Antunes quando ele era mero assistente na cadeira de História da Cultura Clássica, mas um dos raros professores universitários que a Faculdade de Letras de Lisboa me ofereceu nos potentes anos de 1960 a 1965...

Nada o ajudava fisicamente: de figura frágil, sem recorrer a gestos ou movimentos teatrais, sem apoios audiovisuais, com uma voz débil, a sedução das suas aulas provinha exclusivamente da sistematização dialéctica dos conhecimentos que transmitia e de uma intimidade com as vias da sabedoria, que nele se adivinhava e pressentia. (...)”.

Também, e no mesmo dia, o jornal *A Tarde* dedicou uma página ao Padre Manuel Antunes com um longo artigo do Prof. Jorge Borges de Macedo: “(...) Manuel Antunes tinha o condão inestimável de saber suscitar em quem o ouvia ou em quem o lê, o gosto pela verdade difícil, mas possível; de dar a confiança de que, por muito grande que seja o erro, é sempre possível o caminho para a verdade: basta querer percorrê-lo. Para ele, as criações do homem são sempre actos do espírito e de criação: têm, portanto, o toque insubstituível da força espiritual do homem. (...) As suas aulas, os seus comentários a escritores, contemporâneos ou não, os seus estudos desempenharam, e podem desempenhar ainda, um papel decisivo, ao chamar a atenção para esta realidade brutal: se a cultura portuguesa não lograr manter e renovar as suas categorias de modo a emparelhar com outras culturas, se as ignorar, se não lograr defender-se, pelo desenvolvimento e aprofundamento metódico das suas próprias categorias cairá na dependência da sistemática que lhas fornecer. Para o conseguir não pode seguir o caminho possível mas insuficiente do folclore, das medidas ocasionais ou da cultura de Estado, mas tem de proceder

ao pensar revitalizador das medidas da própria coerência. Só assim, poderá enfrentar os desafios de tutela”.

Igualmente, o *Jornal de Letras* de 28 de janeiro, publicou um artigo de Luís Filipe Barreto, cujo excerto se transcreve: “O desaparecimento físico de Manuel Antunes representa uma das grandes perdas da Cultura Portuguesa Contemporânea. Mas já não, nem mesmo a morte, na sua cega ditadura, pode apagar a eterna presença da sua figura intelectual, a marca relevante da sua vida e obra.

Figura exemplar, humana e intelectualmente, o Padre Manuel Antunes afirma-se, acima de tudo, como um pensador Humanista e Dialogal. (...) A condição humana enquanto realidade histórica objectiva é uma das preocupações-chave do seu pensamento, um campo problemático fundamental, bem como, um ponto de vista essencial sempre presente. (...) Diálogo entre o saber e o viver. Diálogo entre os diversos saberes, entre as ciências e a filosofia, entre a filosofia e a literatura, à história e à filosofia. As suas obras testemunham o prazer dos cruzamentos do saber como estratégia para uma mais profunda consciência dos limites e crítica que é toda e qualquer forma de conhecimento”.

De igual modo, para homenagear a figura do Padre Manuel Antunes e contribuir para um melhor conhecimento da sua atividade intelectual, *A Obra Completa* dos seus escritos foi recentemente publicada pela Fundação Calouste Gulbenkian; *Repensar Portugal* foi republicado em 2005, pela Multinova, bem como outros títulos lhe foram igualmente dedicados, como: *Um pedagogo da democracia: retratos e memórias sobre o Padre Manuel Antunes, sj* (Gradiva, 2011); *Padre Manuel Antunes, sj (1918-1985): um mestre do pensamento português e europeu* (Estratégias Criativas, 2008); *Padre Manuel Antunes, sj (1918-1985): interfaces da Cultura Portuguesa e Europeia* (2007); *Padre Manuel Antunes, sj – Documentários 1918-1985* (DVD, 2006).

Também de assinalável relevância a existência do *Prémio Árvore da Vida / Padre Manuel Antunes*, instituído pelo Secretariado Nacional

da Pastoral da Cultura em parceria com o grupo Renascença Comunicação Multimédia, que é atribuído pela Igreja católica para distinguir personalidades pelo seu desempenho em várias áreas da cultura portuguesa. Em 2017 foi atribuído a Luís Miguel Cintra e, em edições anteriores, galardou o poeta Fernando Echevarría, o cientista Luís Archer, sj, o cineasta Manoel de Oliveira, a classicista Maria Helena da Rocha Pereira, o político e intelectual Adriano Moreira, o trabalho de diálogo entre Evangelho e Cultura levado a cabo pela Diocese de Beja, o compositor Eurico Carrapatoso, o arquiteto Nuno Teotónio Pereira, o pedagogo Roberto Carneiro, o jornalista Francisco Sarsfield Cabral, a artista plástica Lourdes Castro e o Professor de Medicina e Bioética Walter Osswald.

E, em 2008, foi criado o Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes, que, tomando como patrono este jesuíta, visa, entre outras linhas programáticas, “promover acções de carácter cultural, social e de intervenção cívica na defesa da dignidade da Pessoa e do desenvolvimento humana, tendo por referência a figura pedagógica e filosófica do Padre Manuel Antunes.” ¹⁰

A partir da proposta da Comissão Municipal de Toponímia a Câmara Municipal de Lisboa aceitou por unanimidade a sugestão do Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes para a atribuição toponímica do Padre Manuel Antunes na cidade de Lisboa, ficando esta figura ímpar da igreja e da cultura portuguesa consagrada numa artéria da freguesia do Lumiar, no ano do centenário do seu nascimento.

(10) www.iecc-pma-eu



BIBLIOGRAFIA

- Proposta do IECC – Instituto Europeu de Ciências da Cultura P. Manuel Antunes, de 01 de julho de 2014, sugerindo a atribuição do nome do professor universitário e jesuíta Padre Manuel Antunes a uma avenida de Lisboa.
- Proposta nº 67/2017 subscrita pela Vereadora Catarina Vaz Pinto para atribuir à Rua I à Quinta dos Alcoutins, o topónimo Rua Padre Manuel Antunes, aprovada por unanimidade na sessão de Câmara de 22 de fevereiro de 2017.
- Acta nº 2/2016 de 20 de junho e Edital nº 38/2017 de 17 de março.
- ANTUNES, Manuel, *Repensar Portugal*, Multinova, 1979
- *Brotéria*, Janeiro 2005, NOTAS E COMENTÁRIOS - Luís Machado de Abreu e José Eduardo Franco, Homenagear o Padre Manuel Antunes SJ (1918-1985): revisitando as interfaces da cultura.
- FRANCO, José Eduardo: Entrevista ao Professor Eduardo Lourenço A propósito do Padre Manuel Antunes e de A Morte de Colombo, in *Brotéria*, Novembro 2005.
- LEITE, António, PADRE MANUEL ANTUNES, sj, (1918-1985) in *Brotéria Cultura e Informação*, vol.120 – nº 3 Março 1985
- *Lusitania Sacra* – Revista do Centro de Estudos de História Religiosa, Universidade Católica, 2ª Série, Tomo XVIII, 2006, Crónica: *Congresso Internacional «Padre Manuel Antunes: Interfaces da Cultura Portuguesa e Europeia»* (Maria Odete Soares Martins).
- MARTINS, Ernesto Candeias, *A Filosofia Pedagógica de Manuel Antunes*, in *ler.letras*.
up.pt/uploads/ficheiros/15092.pdf
- *Oceanos – Os Jesuítas e a Ideia de Portugal*, nº 12, Novembro 1992, CNCDP
- Revista *História* nº 83, Janeiro 2006 Ano XXVIII (III Série)
- Evocação do Padre Manuel Antunes, in *Diário de Notícias* de 24/01/1985
- *Jornal A Tarde*, de 24/01/1985
- *Jornal de Letras*, de 28/01/1985
- *Um Perfil um Testemunho* in *Semanário* de 26/01/1985
- *Um intelectual ecuménico* in *Diário de Notícias* de 21/01/1985
- <http://www.agencia.ecclesia.pt>
- www.iecc-pma.eu



FICHA TÉCNICA

Edição | Câmara Municipal de Lisboa

Presidente | **Fernando Medina**

Pelouro da Cultura e Relações Internacionais | **Catarina Vaz Pinto**

Direção Municipal de Cultura | **Manuel Veiga**

Departamento do Património Cultural | **Jorge Ramos de Carvalho**

Título | **Padre Manuel Antunes**

Textos | **Isménia Neves**

Design | **Ernesto Matos**

Tiragem | 250

Ano | 2018

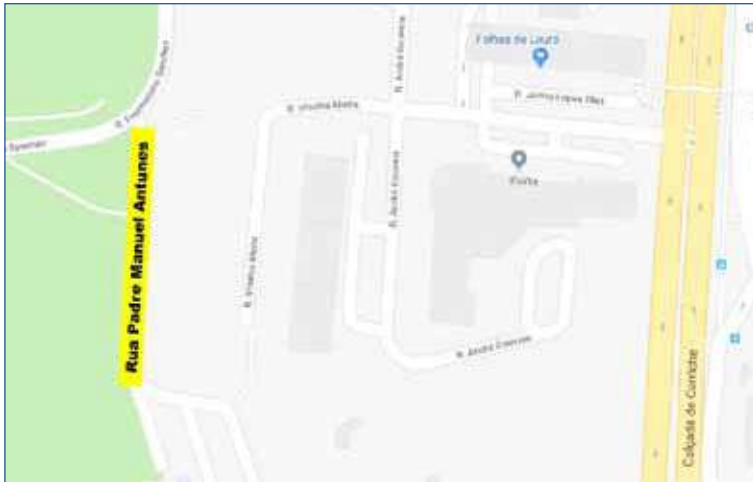
Depósito Legal | 448682/18

Execução gráfica | **Imprensa Municipal de Lisboa**

Agradecimentos | Ao Professor Doutor José Eduardo Franco e ao IECCPMA

Foto de Capa | O Padre Manuel Antunes no terraço da Revista *Brotéria*, em Lisboa

RUA PADRE MANUEL ANTUNES

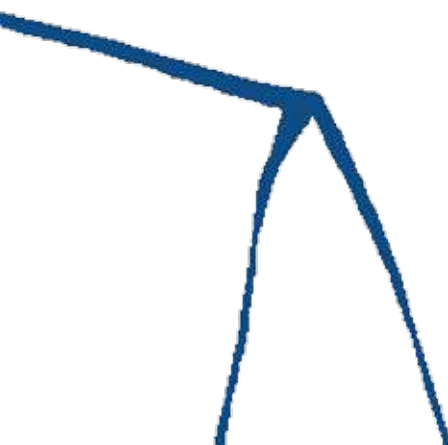


Início:

$38^{\circ}46'40.3''\text{N } 9^{\circ}09'59.7''\text{W}$
38.777849, -9.166583

Fim:

$38^{\circ}46'43.8''\text{N } 9^{\circ}10'01.1''\text{W}$
38.778828, -9.166971





COMISSÃO
MUNICIPAL
DE TOPONÍMIA